

O direito de bebês à educação e à saúde da professora: o lugar do corpo

The right of babies to education and to teacher's health: the place of the body

Celi da Costa Silva Bahia
Solange Mochiutti
Maria Izabel Alves dos Reis
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Belém-Pará-Brasil

Resumo

Neste trabalho, discute-se o lugar que o corpo ocupa quanto à docência no berçário e analisa-se a potencialidade do corpo da professora, com ênfase à centralidade deste para estabelecer relações e construir aprendizagens no berçário, além de refletir de que maneira a exigência corporal intensa impacta na saúde da professora. A pesquisa foi de natureza qualitativa. Foram utilizadas as reflexões decorrentes do projeto *Formação continuada de professoras de berçário: as vozes das professoras na construção de saberes sobre a docência com bebês*, pautado na perspectiva dialógica de formação. Os dados foram gerados com e entre as participantes, mediante as narrativas trazidas para os debates durante os encontros realizados com professoras de bebês da Rede Pública do Município de Belém-PA, no ano de 2019. As narrativas foram gravadas, transcritas e analisadas pelas docentes pesquisadoras. A análise confirmou que a relação na docência durante a pequeníssima infância é central e estabelece-se, principalmente, tanto por meio do corpo do adulto como do bebê. Nesta relação, a professora, para além de disponibilizar o seu corpo, precisa “ler” o que o corpo do bebê comunica e com este dialogar corporalmente; ela afeta e é afetada com esse contato, quando capta e elucida as diversas demandas que o bebê lhe emite. Contudo, como essas relações são intensas, assegurar condições de trabalho à professora é indispensável para a saúde física e emocional dessa profissional no cotidiano da instituição educativa.

Palavras-chave: Docência no berçário; Corpo; Formação Continuada.

Abstract

In this work it discusses the role of the body in terms of teaching in the nursery and it analyzes the potential of the teacher's body, with emphasis on its centrality to establish relationships and to build learning in the nursery, in addition of reflecting on how the requirement intense physical activity impacts on the teacher's health. The research was qualitative in nature. Reflections arising from the project continuing Education of nursery teachers were used: teacher's voices in the construction of knowledge about teaching with babies, based on the dialogical perspective of education. The data were generated with and between the participants, through the narratives brought to the debates during the meetings held with baby teachers from the Public Network of Belém-PA Municipality in 2019. The narratives were recorded, transcribed and analyzed by the research professors. The analysis confirmed that the relationship in teaching during very young childhood is central and it establishes mainly through both the adult and the baby's body. In this relationship, the teacher, in addition of making her body available, needs to “read” what the baby's body communicates and dialogue with it bodily; she affects and is affected by this contact, when it captures and elucidates the various demands that the baby makes. However, as these relationships are intense, ensuring working conditions for the teacher is essential for the physical and emotional health of this professional in the daily life of the educational institution.

Keywords: Teaching at a nursery; Body; Continuing Education.

Introdução

O direito das crianças, desde bebê, à educação foi conquistado a partir da constituição de 1988, quando esta definiu a educação infantil como primeira etapa da educação básica a ser oferecida em creches, para crianças de zero a três anos, e pré-escolas, para as de quatro a cinco anos. Contudo, muito ainda precisamos aprender sobre o processo educativo de bebê em ambientes coletivos. As pesquisas mostram que este processo apresenta especificidades. Dentre estas, destaca-se a centralidade da relação corporal inerente ao processo educativo dos pequeninos.

Nesse debate, sem negar a importância do corpo do bebê nas relações educativas, destaca-se o lugar do corpo da professora, pois ela desempenha um trabalho que exige atenção, esforço físico e envolvimento emocional constante que impactam diretamente na sua saúde. Desse modo, ao se pensar no direito à educação de bebês, este deve estar articulado ao direito à saúde das professoras, o que demanda condições adequadas para o exercício da docência com bebê. Ou seja, para que a professora cuide dos bebês no espaço da creche, ela precisa ser cuidada também, pois para cuidar ela precisa estar bem física e emocionalmente. Assim, para promover o processo educativo do bebê na creche é necessário, entre outros aspectos, formação para os professores, espaço adequado para o desenvolvimento do bebê, mas também condições de trabalho para o professor. Nesse sentido, pontua-se a importância desse debate para qualificar a oferta da educação de bebê no ambiente de creche.

Refletir sobre o direito a educação das crianças, desde bebês de modo articulado à saúde da professora é uma necessidade, pois no Brasil, existem poucos estudos em nível nacional que tratem da ligação entre as especificidades do trabalho docente na creche com o surgimento de agravos à saúde do professor, particularmente em virtude da exigência de contato físico no processo de educar e cuidar das crianças menores de três anos. Além da exigência de contato físico, o professor está mais exposto às doenças que costumeiramente afetam as crianças pequenas (gripes, resfriados, doenças de pele etc.).

Nesse sentido, embora se saiba da importância do corpo dos adultos para se refletir sobre a docência na primeiríssima infância, nas pesquisas, o corpo da professora que atua com bebês e crianças pequenas é pouco mencionado. Parte das pesquisas que abordam as

relações educativas e as questões referentes ao corpo optam por tratar apenas do corpo do bebê e das crianças pequenas, esquecem que esses corpos se relacionam cotidianamente com os corpos dos adultos, como assinalam Demétrio (2016), Sabbag (2017), Silva (2018), ao questionarem sobre a importância destinada ao corpo dos adultos. Assim, estes autores chamam atenção para o quanto o corpo dos adultos tem sido invisibilizado nas políticas públicas e políticas de formação.

O reconhecimento da centralidade que a relação ocupa na docência com o bebê, nos permite afirmar que esta é a matéria da qual é feita a docência, ou seja, a docência se constitui na relação. Dada esta centralidade e como estas relações são predominantemente corpóreas, este estudo tem como foco de discussão o lugar que o corpo ocupa no processo educativo na primeiríssima infância.

Nessa discussão, parte-se da ideia de bebê e de corpo como potências, sendo o corpo entendido como construção e reconstrução que ocorre por meio das relações com a natureza e com a cultura e nas e pelas interações dos sujeitos sociais e não como herança da natureza (DAOLIO,1995).

Ao se pontuar a importância que o corpo ocupa na docência com bebê, pergunta-se: qual a percepção de professoras de berçário sobre o lugar que o corpo do adulto ocupa nas relações estabelecidas no berçário? Qual a potencialidade do corpo da professora para estabelecer relações e de que modo estas impactam na saúde do professor? Com o intuito de responder a esta indagação, discute-se o lugar que o corpo ocupa quanto à docência no berçário e analisa-se a potencialidade do corpo da professora, com ênfase à centralidade deste para estabelecer relações, construir aprendizagens no berçário e refletir de que maneira a exigência corporal intensa impacta na saúde da professora

A pesquisa realizada foi de natureza qualitativa. Como fonte de informações para análise, utilizaram-se as reflexões decorrentes do trabalho desenvolvido no projeto “formação continuada de professoras de berçário: as vozes das professoras na construção de saberes sobre a docência com bebês”, o qual tinha por objetivo documentar e ampliar os saberes das professoras sobre o bebê e o processo educativo deles em ambientes coletivos, bem como refletir sobre a docência com e para os bebês.

O referido projeto fundamentou-se na perspectiva de formação a partir da concepção de diálogo de Paulo Freire (1987; 1996) pois esta possibilita recuperar os saberes

docentes que vêm guiando a prática pedagógica na pequeníssima infância, além de poder (res)significar concepções e práticas relacionadas ao bebê e à docência com/para ele, além de que compreende-se a pesquisa enquanto práxis situada no campo da reflexão que emana da ação e retorna para a ação. A partir desses pressupostos, optou-se por utilizar como estratégia metodológica a abordagem colaborativa defendida por Ibiapina (2008).

De acordo com Ibiapina (2008), a abordagem colaborativa de pesquisa concilia duas dimensões da pesquisa em educação, a construção de saberes e a formação continuada de professores. Nesta abordagem, o pesquisador trabalha na pesquisa e na formação. Nesse sentido, a pesquisa se caracterizou por uma investigação que supera a ideia de investigar sobre o professor para uma investigação com o professor, trabalhando na perspectiva de contribuir para que os docentes se reconheçam como produtores de conhecimentos.

Igualmente ao citado projeto, o diálogo ocupou lugar de destaque nos encontros formativos realizados em 2019 e favoreceu desconstruções-reconstruções trazidas pelo exercício da reflexão individual e coletiva. Os encontros formativos eram realizados mensalmente na UFPA com a participação de dez professoras de berçário que atuam na docência com bebê em diferentes unidades de educação infantil da rede pública do município de Belém-PA, quatro pesquisadores, da UFPA e duas bolsistas estudantes de pedagogia. O grupo foi assim constituído por entendermos que o processo dialógico não tem impacto apenas nos docentes da rede, mas também nos pesquisadores/formadores docentes da universidade.

Estes diálogos travados durante os encontros formativos foram gravados e depois transcritos e analisados pelas professoras pesquisadoras.

A partir da orientação teórico-metodológica de análise de conteúdo proposto por Bardin (2002), o material foi organizado em três categorias de análise: corpo da professora disposta e disponível para as relações, em cuja categoria foram incluídas as manifestações das professoras que indicam o quanto o exercício da docência exige a disponibilidade do corpo do adulto para que as relações se estabeleçam; corpo constitutivo de aprendizagem na docência com/para os bebês, envolvendo as manifestações que indicam o quanto o corpo do adulto é alvo de exploração e aprendizagem do bebê; intensidade das relações corporais e a saúde da professora, perfazendo as manifestações que apontam para a potência do corpo do adulto para ser e estar com o bebê e o quanto a movimentação

corporal intensa afeta a saúde da professora. Este direcionamento será contemplado no item Resultados e Análises.

O corpo e a docência no berçário

Entendendo a centralidade das relações enquanto especificidade da docência na creche e como estas são predominantemente corpóreas, o corpo ocupa lugar central nesta relação (GUIMARÃES, 2008; DUARTE, 2011; BUSS-SIMÃO, 2012). Ele é entendido como um instrumento de acesso ao mundo pelo ser humano, pois é por meio do corpo que o humano assimila e apropria-se de valores, normas e costumes sociais. De acordo com Moreira (1995), o corpo do homem não é um simples corpo, mas necessariamente um corpo humano, que só é compreensível mediante sua integração na estrutura social.

Nesta linha de raciocínio, Daolio (1995) afirma que, embora a dimensão biológica faça parte do corpo, ele é também uma construção social com necessidades e interesses históricos e políticos. Assim, propõe pensar um novo conceito: “[...] o que define corpo é o seu significado, o fato de ele ser produto da cultura, ser construído diferentemente por cada sociedade, e não as suas semelhanças biológicas universais” (IBDEM, p. 41). Para o referido autor, para além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem corpo de maneiras variadas.

Nesta perspectiva, o corpo precisa ser entendido mediante as diferenças culturais, ao invés de suas semelhanças biológicas, pois é o lugar onde se inscrevem as experiências que os sujeitos humanos vivem ao longo de sua existência. Ele dialoga e comunica-se com outros corpos, e por meio do corpo “apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade”. (LE BRETON, 2006, p. 7). Portanto, o corpo revela uma herança biológica e, ao mesmo tempo, cultural, que se entrelaçam no estabelecimento de uma sociedade.

A compreensão de o humano se constituir por meio do corpo remete ao debate acerca do lugar que o cuidado ocupa na relação adulto-bebê. Cuidado aqui entendido como uma atitude, um modo de agir para consigo, para com o outro, para com o mundo; uma forma de atenção, na qual o olhar se converte do mundo, do exterior, dos outros, para si mesmo (GUIMARÃES, 2011). O cuidado diz respeito a práticas concretas, trata-se de uma

atitude, um modo de se comportar, impregnando formas de viver, constituindo-se como prática social e abrindo espaço para relações interindividuais (FOUCAULT, 1985).

A partir desta concepção de cuidado, é importante registrar que o fato de o bebê possuir um corpo diametralmente diferente do adulto, vulnerável e dependente do adulto, particularmente no que se refere aos cuidados, não significa poder ou controle do adulto sobre o bebê, mas sim uma prática de liberdade que contribui para a criança desenvolver uma atenção sobre si mesma, a partir do momento em que o adulto cuida do cuidado da criança sobre si. Nesse sentido, vulnerabilidade e dependência articulam-se para o provimento do bem estar e a participação dos pequeninos e não para a passividade e submissão (BUSS-SIMÃO, 2010).

Ampliando a compreensão de cuidado, Montenegro (2001) salienta que, apesar de relacionar-se com reflexão, o cuidado não se restringe à introspecção, mas implica a atitude para com o outro, podendo dirigir-se a coisas ou pessoas; voltado para si e para o mundo, ou seja, cuidado exige a ocupação da vida humana consigo mesma e com os outros, de modo integrado.

Nesse prisma, Guimarães (2011) argumenta que, na esfera da existencialidade, o cuidado refere-se ao estar-aí-no-mundo na companhia de outros. Trata-se de formar a si e ao outro por meio da postura dialógica-compreensiva. O papel do educador não é intervir autoritariamente no desenvolvimento cognitivo e moral da criança, porém contribuir para que aspectos deste seu desenvolvimento simplesmente aconteçam. Nessa linha de raciocínio, Boff (2008) destaca que o cuidado é uma atitude e um modo de ser, isto é, “a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros, é um modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas” (p. 92). As relações dos homens entre si e deles com a natureza mediadas pelo cuidado não implicam dominação, mas pertencimento, “com-vivência”.

Essa compreensão supera a simples dimensão instrumental do cuidado, caracterizado pela disciplinarização e controle sobre os corpos (dar banho, alimentar, como exigências técnicas e rotineiras somente) e aponta para a dimensão existencial do cuidado que vem ao encontro da concepção de educação como encontro da criança com o adulto, num sentido de diálogo, abertura e experiência compartilhada. Isto é, cuidado entendido como algo que vai além de ações “mecânicas”, diz respeito à criação de práticas do adulto para com ele mesmo, que produzem uma atmosfera de atenção, escuta e disponibilidade,

portanto, prevê ações que ofereçam respostas aos bebês e envolvam uma responsividade, em ações de comprometimento com o outro (GUIMARÃES, 2008).

Para tanto, na docência no berçário, destaca-se a necessidade de enxergar o corpo para além do físico, e visualizá-lo na relação como constantemente enunciativo de uma intencionalidade. Esta compreensão acarreta implicações educativas, pois, ainda que cotidianamente essa relação possa, às vezes, seja percebida como uma ação sem intencionalidade, ela exige maior atenção no sentido de se perceber as minúcias dessa ‘trama relacional’ (COUTINHO, 2012), dando visibilidade a sua potência educativa. O bebê não é somente sujeito da ação do outro, mas sujeito de ações. Nas relações com seus pares e com os adultos, os bebês usam de seu corpo como linguagem; é pelo corpo que os bebês se comunicam e relacionam-se com o mundo, e é também por meio dele que a professora, que atua com este grupo, responde às demandas expressas pelos pequeninos. Logo, há potência nas ações sociais do bebê, especificamente as ações de brincadeira, de interação e de comunicação, as quais são momentos ricos de encontros e trocas, fundamentais para o processo de socialização e constituição dos bebês. Portanto, são ações que consolidam a relação com o outro, relação essa que constitui a docência com/para os bebês.

No contexto do debate sobre o corpo como central nas relações educativas destaca-se a disponibilidade do corpo do adulto para as relações. A postura do adulto profissional irá intensificar ou não a relação com o corpo dos pequeninos interferindo diretamente nas ações sociais do bebê, pois, “pelo seu corpo, o sujeito fala, expressa-se, mostra-se ao outro e faz-se presente no mundo” (TEIXEIRA, 1996, p.182). Essas considerações apontadas no aporte teórico deste texto enunciam para a importância do corpo do adulto que precisa estar de corpo inteiro, com todos os sentidos, para conhecer e compreender o que os pequeninos desejam comunicar e a eles responder responsivamente.

Reconhecer a centralidade da relação corpórea enquanto especificidade da docência com bebê nos faz refletir sobre as condições de trabalho¹ a que os professores de creche estão submetidos, pois estas nem sempre são favoráveis à saúde da professora principalmente em virtude do elevado nível de demandas que exigem excessiva, concentração, atenção, responsabilidade, paciência, compreensão e inclusive esforço físico (MARTINS, VIEIRA, FEIJÓ e BUGS, 2014).

O direito de bebês à educação e à saúde da professora: o lugar do corpo

Nessa direção, a pesquisa realizada por Matos (2020) revela que as principais queixas das professoras estão relacionadas às posturas e ao esforço físico, em virtude da inadequação do mobiliário e do espaço físico, o que resulta em doenças relacionadas ao musculoesquelético, além dos comprometimentos de transtorno mental

Sendo a docência com bebê uma profissão que envolve o corpo inteiro do adulto, bem como seus sentimentos, sua saúde e bem-estar, é possível afirmar que o trabalho docente na primeiríssima infância exige movimentação corporal constante, portanto, é exaustivo e marca o trabalho docente. Por essa razão, é indispensável, além de pesquisas sobre a saúde da professora de berçário, políticas públicas que assegurem tempo e infraestrutura adequados (espaço e mobiliário) para o repouso das professoras. São medidas essenciais, pois a saúde e bem-estar das professoras é condição para que “a qualidade das trocas e do convívio não seja comprometida por impaciência frequente, gritos, silêncios indevidos, e/ou obrigatoriedade de longas horas de sono para as crianças” (DEMARTINI, 2003, p.99).

Resultados e análises

Corpo da professora disposta e disponível para as relações

O reconhecimento da centralidade de relação corporal na docência com/para o bebê permite afirmar que é indispensável a disponibilidade corporal do adulto para interagir com o bebê.

[...] a relação com o bebê próximo e de qualidade é importantíssima, nesse momento da vida, o professor precisa ter muita clareza de como vai conduzir o processo. [Sic] (Paula, 17/10/2019).

[...] nosso corpo é capaz de observar e transmitir inúmeros sentimentos, sensações, e os bebês conseguem sentir o que muita gente não consegue perceber. Essa relação começa com o olhar, com o tocar e vai se constituindo e se fortalecendo ao longo dos dias e quando essa criança passa a ter confiança, seu processo de interação se torna mais tranquilo [...] uma bebezinha que aprendeu a andar há uns 4 ou 5 meses. Ela chegou sorrindo, eufórica, chega o corpo dela estava assim enrijecido, sabe quando está assim, excitado, extasiado. Aí ela virou assim pra mim, bem pequenininha e se virou e encostou assim em mim e puxou na minha mão pra eu me abaixar, aí eu me abaixei e ela se sentou no meu colo, aí aquilo assim, foi tão forte e eu abracei e disse você estava com saudade do meu colo [risadas] aí ela me abraçou [Sic](Eliene, 20/08/2019).

Sabe-se que a docência na educação infantil, particularmente na creche, é marcada pelas relações, ou seja, o quanto o corpo do adulto e do bebê dão contorno à docência. mas não é qualquer relação, é uma relação de qualidade como assina a professora Paula. Ressalta-se para a importância do olho no olho, o sorriso, as expressões, a disponibilidade do corpo do adulto para acesso do bebê. Esses são aspectos tão relevantes e sutis, inerentes à docência com bebês, que nem sempre são reconhecidos como essenciais nas relações, entretanto afetam o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos pequeninos.

Para construir relações de qualidade, é necessário agir com consciência sobre o significado das experiências que são oportunizadas ao bebê, ou seja, é necessário compreender o lugar do corpo (do adulto e do bebê) nas relações para atender de maneira responsiva às demandas dos bebês. O agir consciente das participantes impacta na disponibilidade do adulto para a construção de relações intencionais de qualidade permeadas pelo respeito que é próprio do tempo de vida do bebê e as suas manifestações.

Nestas relações, a professora é uma espécie de tradutora das linguagens dos bebês, como manifesta a professora Eliene, ao interpretar a atitude da bebê quando esta se encostou na professora e puxou sua mão. Essas relações são guiadas pelo que o bebê é capaz de fazer e não a partir das suas incompletudes, por isso os adultos devem ser cuidadosos nas relações que com eles estabelecem. Quando o adulto visualiza que as relações são essencialmente pelo corpo, o bebê passa a ser visto como um sujeito potente para estabelecer relações por meio das suas ações sociais de interação, de comunicação, de exploração, momentos ricos de encontros e trocas, portanto, fundamentais para o processo de socialização e constituição dos bebês.

Corpo constitutivo de aprendizagem na docência com/para os bebês

Para comunicar-se com o bebê que ainda não detém outros recursos de comunicação, as professoras escutam, observam, dão visibilidade aos movimentos dos pequeninos e assim indicam para eles que escutam, observam e dialogam com os seus gestos e expressões e comunicam aos bebês que eles têm valor:

[...] o nosso corpo passa a ser um objeto de exploração por parte deles [...] é mais um elemento de exploração, então eles vão pegar no meu cabelo, eles vão explorar a textura do cabelo. Se tu tiveres com grampo, eles vão olhar, eles vão querer pegar. Se tu tiveres com uma outra criança do lado, eles vão manifestar a personalidade deles [...] quando a gente senta a gente é um

O direito de bebês à educação e à saúde da professora: o lugar do corpo

universo gigantesco [se referindo a exploração do corpo]. Muitas coisas acontecem: a manifestação da personalidade, os desejos, as curiosidades, a exploração [...] [sic] (Karen, 08/11/2019).

Quando o olhar do adulto se dirige para o respeito aos bebês, a forma de ele ser, todas as nossas ações se tornam impregnadas de conteúdo que enriquece a personalidade, desenvolve segurança afetiva, consciência e autoestima do bebê. [Sic] (Aida, 14/ 11/ 2019).

As manifestações das participantes revelam o quanto as estratégias corporais e expressivas que configuram as relações de um modo singular e único são elementos de aprendizagem para os bebês; não é somente o corpo físico, mas é a professora que se coloca disposta e disponível para as relações de cumplicidade, afeto, de disponibilidade para o bebê tocar, sentir, experimentar, e nesta constante busca pelo corpo da professora, os pequeninos se apropriam dos sentidos e significados socialmente construídos. Portanto, as relações que ocorrem essencialmente pelo corpo são fundamentais para o bebê acessar o que é produzido socialmente, pois “as significações daquilo que somos, falamos, sentimos e pensamos passaram primeiramente pelo outro, pelo externo; portanto, são de origem social” (SCHMITT, 2013, p. 18). Neste sentido, concordamos com Teixeira (2007) ao afirmar que as relações são a matéria da qual é feita a docência.

Assim sendo, o corpo constitui a relação docente não apenas pelo fato de os bebês dependerem dos adultos e estes serem os responsáveis pelas ações de cuidado do bebê, mas também pela disponibilidade da professora em “ler” o que o corpo do bebê comunica e, na mesma medida, corresponder à disposição e à vontade que os bebês têm de dialogar corporalmente para conhecer, experimentar. Nessa perspectiva, Guimarães (2011) assinala que o adulto não dirige a criança, porém a incentiva a se dirigir, tomar iniciativa, fazer escolhas.

Intensidade das relações corporais

A dimensão física do corpo enquanto especificidade da docência com bebê exige das professoras movimentação constante no ritmo das crianças e aponta que não se pode perder de vista o lugar que o corpo das docentes ocupa na trama relacional, como se pode conferir:

“[...] Um dos momentos mais cansativos é o momento do banho, e o que a gente faz? A gente costuma se revezar, uma vai um dia, no outro dia a outra vai, porque é abaixar, levantar, é pegar com muito cuidado, pois o bebê que está molhado, é preciso suspender e colocar o bebê no trocador para secá-lo, o trocador é alto e alguns bebês já estão bem pesados. Nosso corpo, realmente

ele faz parte dessa docência e a gente precisa muito dele, e essa dinamicidade, essa intensidade, a gente precisa, e acaba tendo que fazer algumas estratégias para que a gente possa se resguardar um pouco, porque senão a gente acaba adoecendo (Eliene, 16/05/2019.)

Eu tenho me feito uma pergunta, o corpo de uma professora de berçário tem validade? Tem prazo de validade? Meu corpo tem prazo de validade pra estar ali com os meus bebês? Até quando? [...] Vai chegar um dia que eu vou ter que parar? Na minha experiência tenho percebido que se tu vai ser-com ele, vai interagir com ele, não de forma automática, nem o professor, nem o bebê estarão sozinhos. Quanto mais envolvimento com ele, quanto mais afeto, quanto mais entrega, mais leve fica o trabalho. Mas, se o professor encher a cabeça só com o fazer, e não com o ser, vira fardo, vira quantidade, só vai ver quantidade, tem que dar quinze banhos, tem que trocar quinze fraldas, tem que pentear quinze, tudo vai virar quantidades. Mas quando tu te entrega pra ti não fazer, mas ser-com eles, tu vai ser-com eles, tu vai trocar com eles, tu vai te divertir com eles, tu vai aproveitar cada atividade ali, cada situação para interagir com ele, e ele vai cooperar contigo. [Sic] (Karen, 12/09/2019).

A composição das verbalizações das participantes indica uma movimentação corporal constante e as estratégias por parte das professoras para atender às demandas físicas, emocionais e sociais dos bebês, bem como as estratégias utilizadas para cuidar do seu corpo, pois como afirma a professora Eliene, “*ele faz parte dessa docência a gente precisa, e acaba tendo que fazer algumas estratégias para que a gente possa se resguardar um pouco, porque senão a gente acaba adoecendo*”. A manifestação das professoras nos permite refletir sobre a complexidade da docência com bebê. De um lado, aponta para a vulnerabilidade e dependência que apresentam, pois necessitam de atenção e cuidados intensos na longa jornada de permanência na creche. Mas de outro lado, aponta para a potência dos bebês e crianças pequenas constituírem interações no e com o mundo. E quando o professor entende que o bebê participa das ações de cuidado e educação o trabalho se torna mais leve.

Ao refletir sobre a exigência corporal intensa na docência com/para os bebês, a professora Karen questiona: o corpo de uma professora de berçário tem validade? Tem prazo de validade? Meu corpo tem prazo de validade para estar ali com os meus bebês? Até quando? [...] Vai chegar um dia em que eu vou ter que parar? Contudo, para além das ações de cuidado físico, a professora considera a participação dos bebês, momento marcado pelo encontro desses corpos (da professora e do bebê), “para ser-com” e não “para o fazer”, o que configura essa relação como singular, única e de qualidade. Essa qualidade relacional ocupa lugar importante na docência com bebê, por isso é imprescindível criar mecanismos

O direito de bebês à educação e à saúde da professora: o lugar do corpo

de um novo modo de escutar, ver e relacionar-se com os bebês num caminho humanitário e ético. Este percurso se caracteriza pela atenção, escuta às crianças, bem como pela reflexão sobre as ações realizadas e a sensibilidade em relação ao outro, portanto, é uma dimensão importante em todas as iniciativas de formação humana. Assim, o cuidado propicia a reinvenção da educação, fortalece o sentido de acompanhar o outro e amplia suas experiências no mundo.

Em acréscimo, chamam-nos atenção os questionamentos da professora ao olhar para si, para suas ações, suas emoções, suas práticas e remete-nos à importância do cuidado de si também, aqui entendido como prática, ao mesmo tempo individual e social, que se dá nas e pelas relações com os outros e exige de quem cuida um trabalho sobre si, que desdobra no sentido de quem é cuidado (GUIMARÃES, 2011). Isso nos permite pensar o corpo como potência, pois esse modo de estabelecer relações – a disponibilidade da professora para corresponder ao desejo do bebê de dialogar corporalmente, de acolher e significar as demandas e as ações desse ser, é constituído de potencialidades e apresenta-se como uma conduta pedagógica que amplia as experiências sociais dos bebês e vai constituindo-os pessoal, corporal, cultural e socialmente.

A partir das manifestações das professoras no que diz respeito à relação entre as especificidades da docência com bebê e a saúde da professora, destaca-se a importância de cuidar da professora e dentre as ações de cuidado para as docentes a formação ocupa um lugar importante. Como destaca a professora Karen, se a professora olhar para o bebê apenas como um ser vulnerável, o trabalho se torna fardo, peso. Entretanto, quando o compreende como um sujeito potente a ação docente é marcada pelo envolvimento, pela entrega, e o trabalho fica mais leve e a ação educativa se materializa por meio de trocas, de encontros, de prazer e bem-estar para os pequeninos, mas também para a professora, o que é fundamental, pois para que possam exercer sua função com disposição e tranquilidade as professoras precisam estar bem. E essa compreensão sobre o bebê exige formação.

Sintetizando as verbalizações das participantes também apontam que, apesar de se reconhecer que as relações com bebês e crianças pequenas são enriquecedoras do ponto de vista emocional, pelos momentos inusitados que ocorrem nas trocas de olhares, nas carícias, nos sorrisos, na surpresa de poder observar nos corpos das crianças sua alegria pelos primeiros encontros com a diversidade do mundo, com os sentimentos propiciados pelas interações com outros bebês, pelo maravilhamento com a música, as cores, as

narrativas (CARONI, 2011), não há dúvida que para o estabelecimento destas relações a saúde física e emocional da professora precisa ser assegurada no cotidiano da instituição educativa.

Considerações finais

Neste estudo se vislumbram as minúcias da relação corporal entre bebês e suas professoras no cotidiano do berçário. Percebe-se nas verbalizações das docentes que o trabalho com os pequeninos é árduo e exige esforço do corpo do adulto, pois, para educar o bebê, é imprescindível estar presente na relação de corpo inteiro, disposto e disponível para apresentar ao bebê o mundo, por meio do toque, do cuidado, do olhar, do gesto, do aconchego, do colo.

Apesar da importância que o corpo do adulto exerce no processo educativo do bebê, constata-se a valorização de características intelectuais e cognitivas inerentes ao trabalho docente em detrimento de características corporais e afetivas centrais no processo educativo de bebê. Como consequência dessa desvalorização, pontua-se a ausência de políticas públicas que considerem a relação corporal como específica da docência com bebê e assegurem tempo, espaço e mobiliário adequados para o descanso das professoras. Considerar o que é específico ao trabalho na creche é uma urgência, pois a garantia do cuidado, como uma das funções da creche, só será possível se a professora contar com condições para cuidar de si. Isso significa que a garantia de cuidado e educação de bebê e crianças pequenas passa pela garantia de condições de trabalho que assegurem a saúde e o bem-estar da professora.

Por fim, os dados desta pesquisa nos revelam que, apesar de cada vez mais compreendermos o processo educativo de bebês em ambientes coletivos, muito ainda precisamos saber sobre este processo, seja para qualificar o trabalho docente com os pequeninos, seja para qualificar a formação dos futuros professores para o exercício desta tarefa. E o conhecimento desse processo perpassa pelo levantamento dos saberes construídos pelos professores, que imersos nas minúcias do cotidiano constroem saberes sobre a docência com os pequeninos. Estes saberes precisam ser compartilhados com os pares, com a universidade que muito precisa aprender sobre a docência com bebês para qualificar a formação de professores que irão atuar com esta faixa etária. Aprender sobre a

docência com os pequeninos é imperioso, pois este campo de atuação do professor, embora recente, também é crescente, haja vista as crianças ingressarem mais cedo na creche e necessitarem de profissionais qualificados para educá-los.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70. 2002.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2008.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Infância, Corpo, Docência e a Ética do Cuidado de Si**. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 297-312, jul./dez. 2010.

CARONI, Cybelle. **Como é ser professor de crianças de 1 a 2 anos? Um olhar crítico-reflexivo sobre uma realidade vivida**. 2011. 162 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

COUTINHO, A.M. S. O Corpo dos Bebês como Lugar do Verbo. In: ARROYO, Miguel G; SILVA, Maurício R. da (Orgs). **Corpo Infância: exercícios tensos de ser criança por outras pedagogias dos corpos**. Petrópolis: Vozes, 2012.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

DEMARTINI Patricia. **Professoras de Crianças Pequeninhas: Um estudo sobre as especificidades dessa profissão**. 2003. 175. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

DEMÉTRIO, Rubia Vanessa V. **A Dimensão Corporal da Relação Educativa com Bebês: na perspectiva das professoras**. 2016. 179f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

DUARTE, Fabiana. **Professoras de bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, São Paulo, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre adultos e crianças no berçário de uma creche pública na Cidade do Rio de Janeiro: técnicas corporais, responsividade, cuidado**. Tese (Doutorado) Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética. A creche no Brasil: entre o higienismo e o cuidado**. São Paulo: Cortez, 2011.

LE BRETON, David. **A Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

MARTINS, Maria de Fátima Duarte Martins, VIEIRA, Jarbas Santos, FEIJÓ, José Roberto e BUGS, Vanessa. O trabalho das docentes da Educação Infantil e o mal-estar docente: o impacto dos aspectos psicossociais no adoecimento. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, vol. 17, n. 2, p.281-289, Jun/2014.

CUNHA MATOS, Andréa Cristina. **Intensificação do trabalho docente na educação infantil em Belém/Pará**. Tese de Doutorado (Programa em Educação). Pg. 247. Universidade Federal do Pará, 2020.

MONTENEGRO, Thereza. **O cuidado e a formação moral na educação infantil**. São Paulo: EDU, 2001.

MOREIRA, Wagner Wey. Corpo presente num olhar panorâmico. In: Moreira, W. W (org.). **Corpo Presente**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

SABBAG, Samantha. **“Porque a gente tem um corpo né... mas a gente só lembra do corpo quando ele dói!”** A centralidade do corpo adulto nas relações educativas na educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. **As relações sociais entre professoras, bebês e crianças pequenas: contornos da ação docente**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2014.

SILVA, Isabel Rodrigues. **As dinâmicas corporais na docência com bebês**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Sul de Santa Catarina. Tubarão, 2018.

TEIXEIRA, I.A.C. Os professores como sujeitos sócio-culturais. In: DAYRELL, J.T. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

TEIXEIRA, I.A.C. Da condição docente: primeiras aproximações. **Educação e Sociedade**. Vol. 28, no. 99, p. 426- 443, 2007.

Nota

¹ Condições de trabalho, aqui entendida como jornada de trabalho, salários, condições físicas e estruturais das escolas.

Sobre as autoras

Celi da Costa Silva Bahia

Doutora em Teoria e Pesquisa do Comportamento Humano – UFPA, Docente da UFPA - Instituto de Ciências da Educação-ICED/ Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Infantil – IPÊ, com projeto de pesquisa cadastrado no CNPQ “Educação de bebês em ambientes coletivos”. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3104-2647>. E-mail: celibahia@yahoo.com.br

Solange Mochiutti

Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Pará; Professora aposentada da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EA-UFPA) - Brasil; Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Criança, Infância e Educação Infantil (IPE), do Instituto de Educação (ICED/UFPA). Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-5085-0260>. E-mail: solange.mochiutti@gmail.com

Maria Izabel Alves dos Reis

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará. Professora da Universidade Federal do Pará. Orcid iD: 0000-0001-7911-8922. E-mail: mariaalvesreis37@gmail.com

Recebido em: 03/02/2022

Aceito para publicação em: 07/03/2022